

Pan-Africanism: A History

HAKIM ADI

Londres: Bloomsbury, 2018. 297p.

Mario Soares Neto*

Hakim Adi é um dos mais importantes intelectuais e militantes pan-africanistas e comunistas no cenário atual. Doutor em História pela SOAS University of London, leciona História da África e da Diáspora Africana na Universidade de Chichester. Primeiro professor de História Negra do Reino Unido, cofundador do *Young Historians Project* e editor da publicação *Black British History: New Perspectives*. Presidiu a *Black and Asian Studies Association*, fundada em Londres, em 1991.

O livro *Pan-Africanism: A History* estabelece sofisticada análise histórica sobre o pan-africanismo a partir do século XVIII até a fundação da União Africana. Trata-se de uma investigação sobre a práxis revolucionária de homens e mulheres da África e da diáspora que buscavam a unidade política entre os povos para as lutas emancipatórias e de libertação. A obra expõe os resultados de seus estudos sobre indivíduos e organizações na Grã-Bretanha, EUA, Canadá, França, em toda a África e no Brasil, resgatando figuras chaves da história do pan-africanismo e o processo das lutas movidas pela ideia de que os povos africanos no continente e na diáspora compartilham não apenas uma história comum, mas um destino comum.

* Advogado, professor e militante político. Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. E-mail: mario.adv.soares@gmail.com

Não obstante existirem dificuldades para uma definição universalmente aceita, em virtude das diferentes formas que assumiu, em diferentes momentos históricos e localizações geográficas, o pan-africanismo, como movimento, ideologia e estratégia política, se preocupa com a emancipação social, econômica, cultural e política dos povos africanos, incluindo os povos da diáspora africana. A práxis pan-africanista emergiu como solidariedade internacionalista, em contraposição ao processo de violenta expropriação do território e do povo africano, relacionando-se com a dispersão moderna dos africanos, resultante do tráfico de escravos através do Atlântico para as Américas entre o final do século XV até o final do século XIX. O tráfico transatlântico e a criação da diáspora africana foram acompanhados pelo surgimento do capitalismo global, do domínio colonial europeu e do racismo antiafricano. O pan-africanismo consistiu em alternativa política de enfrentamento desse processo, devendo ser compreendido a partir de duas vertentes principais. A primeira, emergente no período da escravidão transatlântica, foi originada na diáspora, delineando processos de unidade entre todos os povos africanos e defendendo a libertação do continente africano. A segunda surgiu no contexto da luta anticolonial na África no pós Segunda Guerra Mundial, aprimorando a defesa da unidade, apresentando estratégias de libertação nacional e de desenvolvimento dos estados do continente africano.

Um dos pontos altos da reflexão proposta consistiu em demonstrar a relação histórica entre pan-africanismo e comunismo, chamando atenção para o fato de que, tanto o pan-africanismo de Marcus Garvey (ausente de um programa político) como o defendido por W. E. B. Du Bois (dependente da benevolência da Liga das Nações e da Segunda Internacional) receberam significativas críticas de expoentes da tradição dos comunistas negros que foram atraídos pela Revolução Russa de 1917 e pela construção da nova sociedade socialista na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Hakim Adi atribuiu a Lenin e à Internacional Comunista (IC) a formulação originária de uma abordagem Pan-africanista revolucionária que contribuiu para os processos de libertação na África e na Diáspora Africana a partir dos escritos sobre a “Questão Negra” e a “Questão nacional e colonial”, escritos que conclamavam os povos colonizados para que se levantassem contra o domínio colonial.

Nos cinco primeiros capítulos, “Os precursores”, “Pan-Africanismo e Garveyismo”, “Du Bois e os Congressos Pan-Africanos”, “Pan-Africanismo e Comunismo”, “Do Internacionalismo negro à negritude”, têm-se uma rica formulação histórica que evidencia as condições de origem e desenvolvimento deste movimento político e a necessidade de reflexões e ações de unidade entre as lutas dos povos africanos e da Diáspora Africana na perspectiva de crítica do racismo e do capitalismo.

O pan-africanismo pode ser visto como um rio com muitos fluxos e correntes, que foram se conformando através das lutas antiescravistas, anticoloniais, antirracistas e com a realização de conferências e congressos internacionais. O primeiro encontro que pode ser denominado como pan-africano foi o Congresso sobre a África, realizado em Chicago em agosto de 1893. Posteriormente, em 1895, em Atlanta, um congresso similar foi organizado. A primeira Conferência

Pan-Africana foi realizada em Londres em julho de 1900. Neste importante encontro internacional, foi elaborado o Discurso às Nações do Mundo, escrito por Du Bois, que exigia autogoverno para as colônias, incluindo a famosa frase: “o problema do século XX é o problema da linha de cor”.

A obra de Hakim Adi analisou com riqueza de detalhes, cotejando fontes primárias e secundárias a história dos congressos pan-africanos. Entre 1919 e 1994, foram realizados sete congressos. O IV e o V Congressos foram os mais importantes realizados fora da África. O IV foi realizado em Nova York, em agosto de 1927, protagonizado pelo movimento de mulheres negras, com mais de 200 delegados e 5.000 participantes dos EUA, Nigéria, Serra Leoa, Costa do Ouro e Libéria. Por sua vez, o V Congresso, realizado em Manchester, em 1945, foi descrito como o apogeu do movimento Pan-Africano pela perspectiva internacionalista adotada. Kwame Nkrumah, político e revolucionário da Costa do Ouro, foi um dos principais organizadores e se referiu a este evento como um “tremendo sucesso”. Dentre os Congressos realizados no continente africano, destaca-se o VI, de junho de 1974, ocorrido na Tanzânia, com o apoio dos representantes do movimento Black Power e, também, de Julius Nyerere, ativista e político da Tanzânia que cunhou a noção de socialismo africano, C. L. R. James, teórico e militante trotskista de Trinidad e Tobago, e Walter Rodney, marxista e pan-africanista da Guiana. O Congresso contou com mais de 600 participantes e representantes de 27 estados africanos.

O pan-africanismo teve forte influência no Brasil, verdadeira conexão latino-americana. A Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, e sua publicação *A Voz da Raça* foram centrais nesse processo até o seu ulterior banimento pela ditadura Vargas em 1937. Cumpriu importante papel a Frente Negra Socialista e a União Negra Brasileira, assim como a realização do Congresso Juvenil Afro-Campinense (1938), o Teatro Experimental do Negro (1944), a Associação de Negros Brasileiros e o Afro Comitê Democrático Brasileiro (1945). Por outro lado, duas Convenções Negras Nacionais foram realizadas em 1945 e 1946, a Confederação Nacional dos Negros foi convocada em 1949 e em 1950 foram realizados o I Congresso Nacional do Negro Brasileiro e o Conselho Nacional de Mulheres Negras.

Nos cinco capítulos finais, “Da Etiópia para Manchester”, “Pan-Africanismo retorna para casa”, “Black Power”, “A cultura Africana é revolucionária ou não será” e “O caminho para uma nova União Africana”, o autor demonstrou a necessidade de aprofundamento do debate sobre a história do pan-africanismo no bojo das lutas contemporâneas, compreendendo-o como uma estratégia internacionalista de luta contra o racismo estrutural e, portanto, como perspectiva anticapitalista e socialista.

Em tempos em que a discussão sobre raça e racismo parece monopolizada por liberais mais ou menos democráticos, o livro de Hakim Adi repõe a necessidade de relacionar pan-africanismo, marxismo e comunismo no enfrentamento ao racismo estrutural. Este resenhista trabalha na tradução desta obra para que, em breve, o público brasileiro possa lê-lo em sua língua materna.